

# O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE  
na  
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte..... 1\$000  
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS  
começam  
no 1.º de cada mez

## A BASTARDA

### PRIMEIRA PARTE

#### A AMANTE DO AMO

XXI

DOIS BERÇOS E UMA FITA RETA

(Continuação.)

Acabamos de fazer nos dominios do passado uma excursão,—demasiado longa talvez.

Repararemos, tanto quanto de nós depender, esse mal involuntario, caminhando d'ora em diante com os acontecimentos, e o mais rapidamente possível.

Quarenta e oito horas haviam decorrido depois da ultima conversação do Sr. de Vezay com o couteiro.

Nessa conversação, — devem lembrar-se, — o conde obtivera de Caillouet a promessa formal de que, naquelle mesmo dia, sahiria do logar e se dirigiria a Nantes com sua mulher, afim de que pudesse tomar ahi passagem em algum navio que o levasse atravéz do Oceano para as plagas do Novo-Mundo.

Caillouet tinha recebido do conde a quantia de dous mil francos em ouro e uma ordem de vinte mil francos pagaveis á vista em casa de um dos principaes banqueiros de Nantes.

Ao cado das quarenta e oito horas de que falámos ha pouco, soube com indizivel espanto o Sr. de Vezay que o couteiro tinha effectivamente partido, — mas sózinho, abandonando sua mulher.

Era isto tanto mais para causar estranheza quanto a gravidez de Suzana, como sabemos, estava proxima de seu termo.

Ora, Caillouet nem se quer tinha tido o trabalho

de voltar á sua cabana para dizer á Suzana um adeus, uma palavra de despedida.

Encontrado por um famulo do castello, a oito ou dez leguas distante de Vezay, na estrada da Bretanha, respondêra laconicamente ás perguntas desse homem :

— Parto, e nunca mais me tornarão a vêr nesta terra...  
— Como!.. nunca mais?..  
— Nunca mais.  
— E tua mulher?..

Caillouet não dera resposta, e, batendo com o seu bordão ferrado no pó, proseguira apressadamente em seu caminho.

Qual poderia ser a causa daquelle desdenhoso abandono? — daquelle desprezador silencio?

Havia uma...

E essa, o Sr. de Vezay conhecia-a melhor do que ninguem...

Era o segredo de uma noite... — de uma noite de violencia... de crime, — de infamia!...

O conde em vão se exauria em buscar a solução desse problema, quando o seu criado particular lhe veiu dizer :

— Sr. conde, está ahi na cozinha um camponiozito que insiste para lhe fallar...

— Quem é esse camponiozito?

— Uma criança de dez ou doze annos, — um vagabundo, — a quem chamam Nicasio.

— Que me quer elle?

— Fiz-lhe essa pergunta, e elle respondeu-me que só ao Sr. conde diria o que tem que dizer.

Após alguns instantes de hesitação, o Sr. de Vezay respondeu.

— Traga-me cá esse pequeno.... mas primeiro acenda estas velas...

Já estava escuro.

O criado obedeceu, e sahiu do aposento, no qual entrou de novo, passados alguns momentos, acompanhado de Nicasio.

Este ultimo enrolava nos dedos, com enleio, um bonito barrete de algodão inteiramente novo, de listras encarnadas, azuis e brancas.

Nicasio consagraria áquella esplendida aquisição uma parte dos seus trezentos soldos.

Acrescentemos que elle se apercebéra, não sem notavel espanto, de que o resto da somma não lhe bastaria para comprar um cavallo e uma espingarda.

— Que me queres tu, pequeno? perguntou-lhe o conde depois que o criado se retirou.

— Venho buscal-o, Sr. conde... respondeu Nicasio.

— Buscar-me?.. repetiu o Sr. de Vezay.

— Sim, senhor.

— Para conduzires-me aonde?

— Aonde está Suzana... a pobreza está muito doente, e manda chamal-o...

— Suzana está muito doente!... exclamou o conde; Suzana?.. a mulher de Caillouet?..

— Sim, senhor... — Tinha ido á sua casa, ha pouco, para perguntar-lhe se era verdade que Caillouet partira, como tenho ouvido a todos dizer... e achei-a de cama, tão pallida como se estivesse morta. Então ella me disse : « — Nicasio, vai ter com o Sr. conde, e falla com elle só... Dize-lhe que estou de cama, que vou morrer, e que desejava dizer-lhe alguma cousa antes de sahir deste mundo. » Puz-me logo a caminho e vim buscal-o, Sr. conde... Devo ir dizer a Suzana que o Sr. conde irá ter com ella?..

— Sim, filho, respondeu o Sr. de Vezay com profunda emoção; vai adiante, eu já te sigo...

Conforme Nicasio acabava de dizer-l-o, a pobre Suzana achava-se doente, e bem doente.

Eis o que se havia passado.

Algumas horas antes, um aldeão, — sem má intenção, mas desastrado, — dissera-lhe que o que ella tomava como uma simples ausencia de seu marido era uma partida definitiva.

Em apoio dessa terrível noticia, repetira ella as respostas dadas por Caillouet ao criado que na véspera o encontraria na estrada de Nantes.

Suzana ficára fulminada.

Certo, não sentia amor pelo marido; mas depois que se casára com ella o couteiro soubera inspirar-lhe uma affeção que, por ser calma, nem por isso era menos profunda.

Por outro lado, Suzana sabia que era amada por Caillouet, — perdidamente amada.

Ora, se seu marido a abandonava desse modo, se se afastava della para sempre com um silencio insultante, — era necessário que o odio e o desprezo houvessem substituido o amor, — era necessário que elle tivesse sabido toda a verdade.

Nem um só momento Suzana pôz isto em duvida.

Disse consigo mesma que Caillouet conhecia o fúnesto segredo que á custa de sua vida ella teria querido occultar-lhe!...

Comprehendeu que desde então estava sozinha no mundo.

Pareceu-lhe que alguma cousa se despedaçava nella, — sentiu uma dôr aguda e caiu tesa e sem sentidos no chão.

Novo e mais indizivel sofrimento fel-a tornar a si.

Quando recuperou os sentidos, estorcia-se nas torturas de um parto prematuro.

Não podia pensar em arrastar-se até á aldeia para reclamar socorro; o mais que pôde fazer foi despir-se e recolher-se á cama.

Alli, esperou pelos acontecimentos.

Dizia consigo mesma que o fio de sua vida estava

cortado, que apenas teria tempo de ver e de beijar a criança que ia nascer.

Sentia-se resignada a morrer; não, porém, a deixar orphã e abandonada a creaturinha que estava prestes a ser dada á luz.

Foi nessa occasião que Nicasio entrou na cabana.

— Deus o envia!.. disse consigo Suzanna; Deus tem piedade de mim!...

E murmurou as palavras que acabamos de ouvir o pequeno repetir fielmente ao Sr. de Vezay.

Nicasio saiu logo.

Tinha elle apenas se afastado da cabana quando adveiu o instante supremo.

A natureza acudiu em auxilio da inexperiencia da mãe, e, ao cabo de um quarto de hora de sofrimento, Suzana tinha nos braços uma criancinha que apoiava apaixonadamente ao coração, e que cobria de beijos e de lagrimas...

Era uma menina.

. . . . .

Talvez naquelle momento, o mais insignificante soccorro, — a mais rotineira medicação de uma parteira de vigesima ordem, tivessem sido sufficientes para salvar Suzana, — tão poderosa é a mocidade! tantos recursos tem a vida!...

Suzana, porém, estava sózinha... inteiramente sózinha...

E ignorava tudo!...

E as forças iam-se debilitando!...

De momento a momento a pobre camponeza se tornava mais fraca.

O coração batia-lhe lentamente; formas indistintas lhe passavam por diante dos olhos turvos...

Suas mãos quasi que já não sentiam o corpo da criança.

— Senhor meu Deus!.. murmurava ella; fazei que elle chegue quanto antes!..

Afinal, fez-se no quarto um leve ruido.

Era Nicasio.

— O Sr. conde não tarda! exclamou elle; tenha paciencia... em poucos momentos elle estará aqui...

— Muito tarde, talvez... pensou Suzana.

Passaram-se mais cinco minutos.

Suzana já estava exausta.

A alma da moribunda esvoaça-lhe nos labios como uma borboleta sobre a flor que vai deixar.

O conde entrou na cabana.

Suzana já não enxergava; não o viu, portanto, mas adivinhou-lhe a presença.

E tentou voltar-se para elle...

Tentou apresentar-lhe a filhinha.

Ai! já não havia na misera nem forças, nem vida...

Não pôde fazer o menor movimento.

Seus labios se agitaram...

O conde debruçou-se para ella.

E ouviu estas palavras, balbuciadas, interrompidas, indistintas:

— E'... sua... filha... Eu lh'a entrego... estime-a... ame-a muito... eu... eu...

O resto da phrase se perdeu em vago murmúrio.  
A borboleta abandonava a flor.

A alma voava.

Suzana Caillouet estava morta!...

No primeiro momento, o Sr. de Vezay tomou aquella morte por um simples desmaio.

Foi-lhe, porém, impossível conservar por muito tempo a menor dúvida a tal respeito.

O sonno da desventurada Suzana era daquelles que não têm despertar!...

O Sr. de Vezay, consternado e afflito, mandou Nicasio chamar o velho sacerdote que já conhecemos.

O ministro de Deus não se fez esperar.

Ajoelhou-se junto ao funebre leito e rezou pela defunta.

O conde rezou também.

Depois, tomou o caminho do castello, levando consigo a criança.

Naquella noite, a filha de Suzana saciou-se no mesmo seio em que se saciava a filha de Margarida.

Cousa estranha!... — no mesmo quarto e sob o mesmo tecto, se achavam assim duas crianças... Duas crianças, nascidas ambas de uma falta.

A primeira, — filha do adulterio, — não tinha direito ao nome que devia usar.

A segunda, — filha da violencia, — devia ser desherdada do nome de que a outra usaria em prejuízo seu.

O Sr. de Vezay não era pai daquela a quem teria de chamar filha.

Não podia chamar filha aquela de quem sabia que era pai.

Durante a noite inteira e toda o dia seguinte esta idéa agitou o conde.

Ia elle ver as crianças.

A ama tinha colocado á direita de seu leito o berço da filha do Sr. de Vezay.

A' esquerda estava o da filha de Suzana.

Além disso, — e para ter a certeza de não se enganar, — atára uma fita preta em torno do punho da filha de Suzana, que uma outra ama devia vir buscar no dia seguinte.

O conde fez reparo nessas particularidades e a sua preocupação se aumentou.

A' noite, a sua agitação se tornou febril.

Murmurava elle baixinho palavras interrompidas, e parava afim de olhar em torno de si, com receio de que o tivessem ouvido.

De repente, pareceu tomar uma decisão.

— Vai dizer á ama que a estou esperando aqui! ordenou a um criado; dize-lhe que venha fallar-me imediatamente....

E, ao passo que a pobre camponeza acudia ao chamado, — o Sr. de Vezay, sahindo do seu aposento, subia apressadamente e por outra escada ao quarto das crianças.

Um minuto lhe foi suficiente para trocar os berços de logar, e para atar no braço da filha de Margarida a fita preta da filha de Suzana.

Depois, vacillando como um ébrio, ganhou de

novo a escada por onde subira e desceu ao seu aposento.

A ama esperava-o.

— O Sr. conde mandou chamar-me? perguntou ella.

— Mandei, balbuciou o conde perturbado; queria... tinha que lhe dizer... Mas já não me lembro do que era... mais tarde... mais tarde lhe direi... E despediu-a com o gesto.

A ama tornou a subir, toda admirada.

— Que acabo eu de fazer? perguntou a si próprio o Sr. de Vezay, quando ficou só. — Será um crime reparado?... será um novo crime commettido?... E a sua consciencia perturbada não lhe respondeu.

No dia seguinte, o velho sacerdote, que havia orado junto ao leito de morte de Margarida e depois junto ao de Suzana, baptisou as duas crianças.

Uma recebeu o nome de *Magdalena*.

A outra se chamou *Joanna*.

A primeira, — a filha do conde e de Suzana Guillot, — conservou-se no castello, e ficou sendo *Magdalena de Vezay*.

A segunda, — fructo dos culpados amores de Armando de Villedieu e da condessa Margarida, — tornou-se *Joanna Caillouet*, e uma ama aldeã levou-a para uma aldeia situada na outra margem do Loire.

Trocando de logar um berço, — desatando uma fita preta, — o Sr. de Vezay acabava de substituir sua vontade á de Deus! — acabava de modificar o destino de dous entes!..

Como elle, também perguntamos se tinha praticado bem ou mal, procedendo assim...

Assim como elle, também não sabemos responder...

O conde de Vezay tinha representado assim a ultima cena do prologo de um drama, — tinha executado a suprema peripécia.

Concluído o prologo, restava logar ao drama.

Esse prologo tinha sido terrível.

O drama não devia ser menos estranho, nem menos commovente.

## XXII

### LANCE DE OLHOS RETROSPECTIVO

Vinte annos se haviam passado depois dos acontecimentos que terminam o precedente capítulo.

Conduz-nos isso, como se vê, ao anno de 1840.

Continuamos a estar na Turena, — no castello de Vezay.

Antes, porém, de entrar de chôfre no vivo da accão, reatemos o passado ao presente, — tornemos a ligar com mão segura os fios, se não quebrados, ao menos distendidos, de nossa narração.

Isto é indispensável, e será curto.

O seu a seu dono! — Fallemos em primeiro lugar do Sr. de Vezay: — elle servir-nos-ha de transição para chegarmos ás nossas outras personagens.

O conde, depois da morte de Suzana, — depois da substituição de sua filha natural á filha adulterina da condessa Margarida, — o conde, dizemos nós, tinha querido saber o que era feito de Caillouet, achal-o e indagar delle os motivos pelos quaes abandonára a mulher.

Conseguintemente, escreveu ao seu banqueiro de Nantes, Pelo Kerven.

O banqueiro respondeu que o ex-couteiro se lhe apresentára e recebêra a importancia da ordem assignada pelo conde.

Sem duvida, munido com esse dinheiro, tomára passagem a bordo de algum navio que estivesse a partir.

Em vista desta resposta, o Sr. de Vezay mandou proceder a novas indagações, que foram longas e minuciosas.

Dellas resultou a certeza de que nenhum passageiro de nome Caillouet, nem mesmo com os signaes relativos ao antigo couteiro, havia embarcado, quer em Nantes, quer em Paimbœuf, quer em S. Nazario.

Talvez Caillouet se houvesse dirigido a Lorient, a La Rochelle ou a Brest.

Era pouco provavel; mas, enfim, era admisivel.

Na absoluta impossibilidade de mandar indagar em todos os portos, grandes e pequenos, do littoral, o Sr. de Vezay teve que renunciar ao intuito de encontrar a pista do marido de Suzana.

Em resumo, quer Caillouet estivesse vivo, quer houvesse morrido, — em França ou nas Grandes Indias, — o facto era que ninguem tinha ouvido fallar n'elle havia vinte annos.

Vinte annos!...

E' um dia ou um seculo!...

Em certas natnrezas, vinte annos deslizam sem deixar mais vestigios do que o mar quando as suas ondas tranquillas passam pelas areias das praias acariciando-as.

Homens ha que temos visto aos quarenta annos de idade e que encontramos novamente aos sessenta, sempre os mesmos, — perna firme, rins flexiveis, bom pé, boa vista, e estomago rijo!

Não ha duvida que o pensar ou os fadigas do corpo hão cavado na fronte desses homens uma ruga um tanto mais funda. — Não ha duvida que os cabellos, mais raros, têm alvejado um pouco ou ficado grizalhos nas pontas.

Mas o que é uma ruga de mais ou alguns cabellos de menos, quando o resto se acha todo intacto?

Como esses torreões eternamente solidos de certos castellos da idade média, — os velhos de quem estamos fallando são moços ainda aos sessenta annos.

Não tinha acontecido assim ao conde de Vezay.

Aquelles vinte annos tinham triumphado completamente de sua natureza, entretanto forte e nervosa.

Parecia dez annos mais velho do que o era realmente.

A sua cabeça, quasi inteiramente calva, offerecia uns tons de marfim encardido.

Seus hombros se abobadavam.

Padecia de gotta e de rheumatismo, — não podia já caçar senão raras vezes, e um passeio de duas horas prostrava-o por oito dias.

Tres outras personagens devem representar papeis de grande importancia no drama que se prepara.

Imos dizer, de passagem, algumas palavras a respeito de cada uma dellas.

Essas tres personagens são; Magdalena de Vezay, — Joanna Caillouet, — e finalmente Luciano 'de Ville-dieu.

Cada uma das moças tinha vinte annos de idade.

Magdalena de Vezay tinha o typo da mais soberana belleza; — unicamente, todos aquelles que se lembavam da condessa Margarida se admiravam da estranha dissemelhança da filha com a mäi.

Margarida tinha sido uma dessas moças louras e alvas, franzinas, e para bem dizer aereas, que fazem involuntariamente pensar nas vaporosas divindades da mytologia scandinava.

Magdalena, ao contrario, alta e morena, esvelta, no entanto, com suas fórmas cheias e contornos bem accusados, — assemelhava-se ás bellas e nobres donzelas das regiões meridionaes.

« Com as suas tranças de ebano, dir-se-hia, ao vel-a, uma joven guerreira com um capacete negro »

Isto disse um poeta de uma de suas heroínas

Reproduzimos essa graciosa imagem, que nos parece applicar-se admiravelmente á Magdalena.

Apressamo-nos, porém, em accrescentar que da joven guerreira Magdalena só possuia a belleza altiva e os longos cabellos negros.

Nunca donzella mais casta e meiga, mais modesta e candida, — e mais timida tambem, — tinha havido neste mundo.

Magdalena era a alegria da casa, a providencia dos pobres, a consolação dos afflictos.

Em ambas as margens do Loire, — naquellas tres ou quatro leguas, por montes e valles, — designavam-na sómente pela seguinte maneira: — a boa mocinha do castello de Vezay.

A infinita bondade de Magdalena estendia-se por toda a creatura animada.

No fundo do coração, porém, tinha ella tres amores.

Amava a Deus primeiro que tudo.

Em seguida, a seu pai.

E, afinal, Luciano de Ville-dieu.

Estas ultimas palavras exigem uma breve explicação.

(Continúa no proximo numero.)